

# NORBERTO NEHRING, 83

Marta Nehring<sup>1</sup>

Arquivo de Marta Nehring



Norberto e a esposa Maria Lygia Quartim de Moraes ( "la")

*“Você é um professor de economia da USP, com formação técnica de químico industrial, estuda de noite e trabalha na Pfizer para sustentar a sua pequena família. Tem uma bela carreira pela frente mas declina do convite para prosseguir a formação na França, para a qual te é oferecida uma bolsa de estudos. Prefere continuar sendo um militante ativo da ALN”. “Na última vez em que nos vimos era março de 1970, estávamos em Havana, você tinha 29 anos e eu seis”. “Em abril o pessoal do grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro te homenageou com a Medalha Chico Mendes. Parabéns, pai. A luta continua”.*

**E**m setembro você fez 83 anos. Ainda não foi dessa vez que a gente conseguiu conversar, nem eu te chamar de pai. Teria sido um grande passo na nossa relação, Norberto. Até que somos parecidos fisicamente, dizem que eu tenho o mesmo hábito de levantar os olhos ironicamente, inclusive uso um *emoji* com essa expressão nas minhas trocas de mensagem por Whatsapp (precisamos dedicar um tempo da nossa conversa, no dia em que ela acontecer, para eu te contar sobre um aparelho chamado celular). Desde criança encarei o revirar de olhos e outros traços de comportamento como um espelho necessário, e procurei moldar-me à tua semelhança. Dizem que é o natural entre pais e filhos, porém nossa relação é de outra natureza, e hoje eu questiono o quanto essa semelhança foi forjada pela forma como as outras pessoas te enxergam, Norberto.

Por ocasião dos teus 83 anos, teria sido proveitoso tirar a limpo essa e outras questões e quem sabe finalmente ter a minha própria opinião sobre quem você é. Na última vez em que nos vimos era março de 1970, estávamos em Havana, você tinha 29 anos e eu seis. Antes de pegar o avião que te levaria por uma longa rota de volta ao Brasil, você procurou me inculcar a disciplina de fazer exercícios diários para o meu pé torto, não sujar as cores da aquarela e nunca rezar para um Deus crucificado. O pé cresceu tortinho, mas dá para conviver, a aquarela teve um fim ignorado e rezar, eu não rezo não. Só acendo vela p'ro santo com uma displicência cúmplice. Espero que você não se incomode com esse pequeno deslize, é que estamos vivendo o fim de um mundo que tarda demais em acabar.

O episódio da tua volta ao Brasil tem aspectos a serem esclarecidos. Você é um professor de economia da USP, com formação técnica de químico industrial, estuda de noite e trabalha na Pfizer para sustentar a sua pequena família. Tem uma bela carreira pela frente mas declina do convite para prosseguir a formação na França, para a qual te é oferecida uma bolsa de estudos. Prefere continuar sendo um militante ativo da ALN. Faz algumas ações com o Sérgio Ferro e outros companheiros, nas quais se inclui explodir o aviãozinho da Praça 14 Bis. Contam que você sempre achou isso ridículo, explodir o coitado do aviãozinho. Considera o roubo da dinamite da pedreira bem mais interessante. A gente mora num pequeno apartamento no bairro do Itaim, e com frequência Toledo, o Velho, aparece para uma visita. Anos depois eu soube que

o nome dele é Joaquim Câmara Ferreira, e que foi um herói também da guerra civil espanhola.

**Em Cuba você faz treinamento militar, minha mãe e eu moramos num hotel. Clandestinamente você vem nos visitar, escondido na própria clandestinidade. Você se prepara para retomar a luta no Brasil, quando o Delfim Netto passa o chapéu para botar de pé a OBAN, que depois vai virar DOI-CODI e onde você é assassinado no 24 de abril de 1970**

O motivo da tua prisão, em 1968, não tem a ver com o avião nem com a pedreira: você participa de um grupo tático de explosivos na cidade de Marília, no qual há um agente infiltrado que te entrega para a polícia. Minha mãe e eu descobrimos o nome desse cara num documento, quando abriram os arquivos do DOPS. Meu avô, pai da minha mãe, é chamado para depor e encontra no corredor do DOPS o Tuma, um conhecido da colônia árabe da rua 25 de Março. Você é uma das primeiras pessoas a revelar que o Tuma é a eminência parda do DOPS, e quando veio a abertura meu avô deu alguns depoimentos a respeito, publicados em jornal.

Voltando à tua história, você declina da bolsa na França e dá um jeito de fugir para Cuba enquanto corre o processo. Nesse momento o Fleury não foi ainda convocado para comandar a chacina. Lembro de você secretamente me visitar no dia no meu aniversário, em 20 de janeiro, antes de partir para a Ilha. Me chamam para uma surpresa e lá está você, de camisa vermelha, esperando para me abraçar, enquanto a festinha de criança rola na sala. Lembro do teu sorriso, mas não consigo recuperar, na memória do meu corpo, o calor do teu abraço.

Em Cuba você faz treinamento militar, minha mãe e eu moramos num hotel. Clandestinamente você vem nos visitar, escondido na própria clandestinidade. Você se

prepara para retomar a luta no Brasil, no momento em que o Tuma já convocou o Fleury, e o Delfim Netto passa o chapéu junto ao empresariado golpista para botar de pé a Operação Bandeirante, a OBAN, que depois vai virar o DOI-CODI e onde você é assassinado no 24 de abril de 1970. Mas antes de abril, ainda em Cuba, nos vemos. Estou sentada na mureta do Malecón com minha mãe e uns companheiros cubanos, estamos à sua espera e os companheiros me alertam que você virá disfarçado. Eles riem, parece tudo uma grande brincadeira. Tem bastante gente andando por ali, vem um homem negro fortão e eles brincam dizendo que é você. Vem um anão, a mesma coisa... e assim passa a tarde até que você aparece de cabelo pintado. Fico decepcionada e não gosto da cor do cabelo.

Não me lembro da nossa despedida, em Cuba. Sei que você fica um tempo na Tchecoslováquia antes de voltar ao Brasil, troca cartas com a minha mãe. Nós duas nos preparamos para viajar para a França, onde se asilou um tio, também guerrilheiro. Já estamos com as poucas malas prontas quando, na noite do 24 de abril, eu tenho uma febre muito forte, e me levam para o hospital. As paredes são de azulejo verde-água, e há um vidro que separa a enfermagem da sala onde as pessoas aguardam por atendimento. Eu uivo de medo quando a enfermeira se aproxima para me dar uma injeção. Do outro lado do vidro as pessoas me olham, consternadas. Eu me debato, tentam me segurar, não conseguem. Estou em pânico, é inexplicável e terrível. Não se sabe qual doença foi essa que me pegou na noite em que você foi assassinado, e me deixou no hospital por um par de dias.

**Você é executado sob tortura, condenado à morte sem julgamento como todos os guerrilheiros presos que fizeram treinamento militar em Cuba. Um caixão com teu corpo sai da OBAN no dia seguinte. Você é enterrado com identidade falsa e só 3 meses depois a família é chamada para reconhecer teu corpo. Não é permitida a autópsia**



Norberto com a filha Marta, então com 5 anos (1969)

Você teve uma vida curta, tão curta que não consigo sequer imaginar como teria sido a minha própria vida se eu tivesse tido a ocasião de te chamar de pai. Quanto à tua morte, te vejo descendo do avião no aeroporto Santos Dumont e sendo reconhecido ao passar na alfândega, tentando despistar a polícia depois de aterrissar em São Paulo, sentindo-se acuado, com medo, muito medo. A São Paulo na qual você cresceu se transformou numa ratoeira cruel, assombrada por policiais e milicos. A minha avó, tua mãe, está na casa dela, você sabe onde moram teus irmãos e amigos, onde moram os familiares da tua mulher, onde mora meu padrinho Juca, que até hoje fala de você sempre que pode. Não vai procurá-los, não vai pedir ajuda, faltará nos pontos: decidi enfrentar o medo sozinho. Será que nesse momento você lembra do teu pai? Você tem 3 anos e a tua mãe está grávida do terceiro filho, teu pai é um jovem empresário com negócios no Rio, o avião no qual ele se encontra mergulha para a morte ao aterrissar na baía da Guanabara. Em algum momento, na garoa fria de abril, você aceita que será preso e barbaramente torturado. A dor física te dá pânico, você se prepara para resistir. O problema é a saudade das pessoas que você ama. Nessas horas teria sido melhor não ter ninguém? Na iminência de ser preso, escreve numa caderneta uma carta para mi-



A autora do artigo, Marta Nehring, aos 60 anos (2024)

na mãe e registra a senha combinada. É um verso da peça “Sonhos de uma noite de verão”, de Shakespeare: *the course of true love never did run smooth*.

Você é executado sob tortura, condenado à morte sem julgamento como todos os guerrilheiros presos que fizeram treinamento militar em Cuba. Um olheiro da ALN avisa o Toledo que um caixão com

teu corpo sai da OBAN no dia seguinte à tua morte. Você é enterrado com identidade falsa no cemitério da Vila Formosa e só 3 meses depois a família é chamada para reconhecer teu corpo. Não é permitida a autópsia. Você é sepultado no mesmo jazigo onde está teu pai, nesse ano de 1970 no qual minha mãe e eu estamos exiladas na França. Nunca perguntei quem estava presente no dia do enterro, no cemitério São Paulo. Só fui visitar teu túmulo quando já era maior de idade. Era um jazigo simples, com uma cruz de pedra, coberto por grama e dois pés de azaleias. Em tempos recentes foi reformado pelos meus primos-irmãos, agora se veste da importância do granito preto.

Por décadas eu guardei nos meus documentos um atestado de óbito no qual estava dito que você havia se enforcado com uma gravata fantasia, num hotel de nome Piratininga. No inquérito fajuto que a polícia monta para atestar o suicídio não há foto anexada. O endereço do hotel é próximo à rodoviária, que na época ficava na praça defronte à estação Júlio Prestes, ao lado do DOPS. Visito o local em busca de alguma pista, de algum testemunho. Estou grávida da minha filha mais velha, Cleo — que re-

cebe esse nome em homenagem ao nome que você queria para mim, Clio (a musa da história). Quero que ela saiba quem é esse Norberto a quem ela não chamará de avô. O hotel pegou fogo e virou um cortiço.

Em 1995 a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos é promulgada, precisamos montar um dossiê sobre o teu caso. Em companhia do meu avô e da minha mãe, vou até São José dos Campos encontrar o delegado que investigou o teu caso em 1968, na primeira vez em que você foi preso. Ele foi afastado quando o Fleury assumiu o comando do DOPS, quer saber se entregaram o teu corpo. O homem se queixa por ter sido incluído na lista de torturadores, ele que foi exonerado por se recusar a colaborar com os psicopatas. Reencontro pessoas que militaram com você, em busca de encontrar uma testemunha, um sobrevivente ao massacre perpetrado pela repressão que tenha estado com você na derradeira masmorra onde foi assassinado. No IML de São Paulo, encontro duas fichas com a *causa mortis*: numa você morreu enforcado, na outra afogado. Conseguimos provar a farsa do suicídio, mas não as circunstâncias exatas da tua morte. Quem foram teus torturadores? Quem matou meu pai?

Hoje o nome Norberto Nehring está gravado em quatro equipamentos públicos. Os três primeiros são o Monumento aos Desaparecidos Políticos do Parque Ibirapuera, uma cela do Memorial da Resistência e o Memorial aos Membros da Comunidade USP Vítimas do Regime da Ditadura Militar. A quarta homenagem é a mais legal: uma turma corajosa da FEA-USP batizou com teu nome o Espaço de Vivência do Centro Acadêmico. Eles queriam mesmo era renomear a biblioteca da faculdade, que continua sendo Acervo Delfim Netto — o mesmo canalha que no pós-golpe coletou dinheiro para pagar teus assassinos. E assim chegamos a 2024, ano em que você completaria 83 anos se estivesse vivo. O ar da cidade está obscurecido pela fumaça dos incêndios que assolam grande parte do Brasil, e as noites são quentes, tão diferentes das madrugadas frias que marcaram teus últimos dias de vida em abril de 1970. Eu fiz 60 anos e tua neta mais jovem, Sofia, está com 27. Em abril o pessoal do grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro te homenageou com a Medalha Chico Mendes de Resistência. Parabéns, pai. A luta continua.

## Notas

- 1 Marta Nehring é cineasta, coautora de *15 Filhos*.